

As mãos que afagam os congás: retratos de umbandistas em Cataguases/MG

The hands that caress the congás: portraits of umbandistas in Cataguases/MG

Enviado em: 21/10/2020

Aceito em: 05/06/2021

Inácio Manoel Neves Frade da Cruz¹

Helena Souza Neves Frade da Cruz²

Resumo

As casas de umbanda constituem a maior parte das unidades religiosas de matrizes afro-brasileiras estabelecidas na microrregião de Cataguases, situada na Zona da Mata de Minas Gerais. Suas lideranças foram contatadas a partir de um projeto de mapeamento desenvolvido ao longo dos últimos anos no âmbito da Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG – Unidade Leopoldina. Os registros ora apresentados revelam detalhes dos espaços sagrados, bem como permitem observar uma certa corporalidade compartilhada por pais e mães de santo. Ladeados por seus congás, esses atores sociais rompem a barreira da invisibilidade e se apresentam como protagonistas de uma história capaz de revelar uma imensa riqueza litúrgica e ritual.

Palavras-chave: umbanda; lideranças religiosas; Cataguases

1 Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG – Unidade Leopoldina. Doutor em Ciências Sociais. E-mail: inacio.cruz@uemg.br

2 Cineasta, mestranda em *Artes, cultura e linguagem* pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. E-mail: helena.neves.frade@gmail.com

Abstract

Umbanda houses constitute most of the Afro-Brazilian religious units established in the Cataguases micro-region, located in the Zona da Mata of Minas Gerais. Their leaders were contacted based on a mapping project developed over the last few years within the scope of the State University of Minas Gerais / UEMG - Leopoldina Unit. The records presented here reveal details of the sacred spaces, as well as allowing to observe a certain corporeality shared by fathers and mothers of saints. Flanked by their congás, these social actors break the invisibility barrier and present themselves as protagonists of a story capable of revealing immense liturgical and ritual wealth.

Keywords: umbanda; religious leaders; Cataguases

Depende do olhar. As imagens podem ser eloquentes ou camuflar e distorcer informações em seus aspectos qualitativos e simbólicos. Sylvia Caiuby Novaes (2008), nos ensina que as reproduções associadas às modernas técnicas de revelação, como as fotografias, são signos que se confundem com a coisa representada, como se não fossem propriamente signos. As imagens fílmicas, como as fotográficas, nos iludem “em sua aparência de naturalidade e transparência, a qual esconde os inúmeros mecanismos de representação de que resultam” (NOVAES, 2008, p. 456). O imaginário popular negativo associado às religiões afro-brasileiras está fundado e legitima o preconceito de grupo/raça/cor/imagem.

Este ensaio é produto de um projeto de mapeamento das religiões de matrizes afro-brasileiras na microrregião de Cataguases – MG. As imagens são fruto do trabalho de campo de quase uma década. Fotografia posada foi o critério para a escolha das reproduções que dão a conhecer algumas lideranças religiosas umbandistas de Cataguases, MG. Quase sempre ao final das visitas, fora dos momentos de incorporação, convidava-os para um registro visual e perguntava onde e como gostariam de ser fotografados. Daí a enorme

quantidade de retratos tendo como fundo os congás. Salta aos olhos a posição das mãos conectadas com as mesas sagradas. A primeira fotografia mostra João Batista Pereira com o braço apoiado no ombro de “Baiano”, apelido do filho de sangue de uma mãe de santo residente em Salvador/BA. Meses depois da última vez que estivemos juntos, soube que o senhor João havia se mudado. Estabeleceu-se no município vizinho de Astolfo Dutra: carregou e foi carregado por suas falanges.



Figura 1: Casa do Rei Exu Boiadeiro, desde 1972. João Batista Pereira e Baiano
Fonte: Acervo do projeto “Mapeamento das casas de religiões de matrizes africanas em municípios da microrregião de Cataguases – MG”.



Figura 2: Tenda Espírita Filhos de São Jerônimo, desde 1959. Nilo Jorge dos Reis Ramalho.
Fonte: Acervo do projeto “Mapeamento das casas de religiões de matrizes africanas em municípios da microrregião de Cataguases – MG”.



Figura 3: Centro Espírita Pai Antonio de Aruanda, desde 2003. Marlene Tomé Gregório, o filho Eduardo e a neta Jovina. Fonte: Acervo do projeto “Mapeamento das casas de religiões de matrizes africanas em municípios da microrregião de Cataguases – MG”.



Figura 4: Centro Espírita Vovó Cambinda de Guiné, desde 1998. Elisa Maria Germano, marido e filhos. Fonte: Acervo do projeto “Mapeamento das casas de religiões de matrizes africanas em municípios da microrregião de Cataguases – MG”.

Enquanto aguardava a saída de uma casa viabilizada pela prefeitura municipal de Cataguases, pois a dela fora destruída por uma das incontáveis enchentes dos rios Pomba e Meia Pataca, Elisa posou com o marido e dois filhos, também iniciados no santo, na entrada da sua morada (temporária). O terreiro estava desativado, mas os detalhes visuais na parede (acima do aparelho de som) alvitraram a presença de umbandistas no abrigo provisório: arco e flecha, estrela de Davi, ponto riscado são imagens típicas da pertença religiosa. Os signos visuais desenhados na fachada, podem passar despercebidos ou revelar a inevitabilidade do sagrado materializar seus sinais nas paredes de um lar povoado por umbandistas.



Figura 5: Centro Espírita Pai Joaquim de Angola, desde 2002. Isabel Moreira Santos. Fonte: Acervo do projeto “Mapeamento das casas de religiões de matrizes africanas em municípios da microrregião de Cataguases – MG”.



Figura 6: Desde 1973, Gessi Antônio Rosa. Fonte: Acervo do projeto “Mapeamento das casas de religiões de matrizes africanas em municípios da microrregião de Cataguases – MG”.



Figura 7: Centro Espírita Jorge Guerreiro de Umbanda, desde 1985. Geraldo Francisco Bastos e filha. Fonte: Acervo do projeto “Mapeamento das casas de religiões de matrizes africanas em municípios da microrregião de Cataguases – MG”.

Assim como o ritual do bate-cabeça, o coincidente detalhe das mãos que descansam sobre os congás sugere que os sacerdotes se retroalimentam com a energia contida naquela mesa sagrada.



Figura 8: Senhor do Bonfim, desde 1995. Edson Carvalho da Silva. Fonte: Acervo do projeto “Mapeamento das casas de religiões de matrizes africanas em municípios da microrregião de Cataguases – MG”.



Figura 9: Centro Espírita Cabocla Jurema, desde 1992. Helena. Fonte: Acervo do projeto “Mapeamento das casas de religiões de matrizes africanas em municípios da microrregião de Cataguases – MG”.



Figura 10: Centro Vovó Mariana, desde 1964. Ruth Caetano de Souza. Fonte: Acervo do projeto “Mapeamento das casas de religiões de matrizes africanas em municípios da microrregião de Cataguases – MG”.

Em uma época em que recrudescem insultos e perseguições contra pais e mães de santo, é primordial sublinharmos o poder de resistência e a capacidade de reinvenção dos valores civilizatórios dos grupos africanos e indígenas. Discorreremos sobre pessoas desautorizadas a falar, postas às margens por uma sociedade estruturalmente racista e intolerante, inseridas em um projeto alimentado pela ideia de supremacia branca. Na contramão deste plano silenciador nos campos político, histórico e cultural, as presentes lideranças religiosas corporificam suas vozes nos espaços (não só) ritualísticos e tornam-se redes ecoantes ao caminharem em direção à ancestralidade não como passado, mas como piso e horizonte.

Referências:

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. *Mana*, v. 14, p. 455-475, 2008.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.